

Nome Completo: Larissa Busato Udiloff

Nº USP: 11219835

País de estadia: Argentina

Cidade: La Plata

Universidade: Universidad Nacional de La Plata

Período de intercâmbio: 2º semestre de 2022

Motivação

– Conte um pouco de você, naturalidade, porque decidiu cursar Pedagogia e por que quis fazer intercâmbio?

Sendo filha e neta de professoras e tendo nascido e vivido toda a minha vida em São Paulo, a escolha de cursar pedagogia na USP fez sentido desde o primeiro dia pisando lá. Antes de iniciar a graduação, ainda no Ensino Médio, tinha acompanhado e desenvolvido projetos em um Centro de Crianças e Adolescentes da Prefeitura de São Paulo, onde tive meu primeiro contato com a educação de crianças e adolescentes da rede pública de São Paulo, no período do contraturno escolar. Logo em seguida, no meu primeiro ano da graduação em pedagogia, em 2019, iniciei minha atuação profissional com a educação formal, na educação infantil. Eu nunca saí da escola. Me formei e logo em seguida voltei, ocupando uma posição diferente, conhecendo os bastidores do trabalho docente, da gestão escolar e de tudo o que antes eu só conseguia imaginar. Eu gosto do que a escola é e do que representa e viver o chão da escola faz muito sentido para mim.

Eu entrei na FEUSP com uma visão idealizada e limitada a respeito da educação, mas a experiência universitária e o trabalho docente me transformaram e seguem me modificando constantemente, me proporcionando outras maneiras de entender a educação. O intercâmbio acadêmico sempre foi uma vontade, já que representa uma outra maneira de ampliar esses horizontes e diversificar minha base teórica. Com a pandemia, os altos custos para sair do país e a intensificação do meu trabalho na escola, entretanto, essa vontade parecia distante de se concretizar.

– Você já havia viajado para o exterior antes? Se sim, onde? Se não por quê?

Antes dessa experiência de intercâmbio, eu já havia viajado ao exterior como turista à Bolívia, Chile, Uruguai, Curaçau e Estados Unidos. Apesar de eu gostar muito de viajar, nunca havia pensado em viver fora de São Paulo por muito tempo.

– Qual motivo levou você a optar pelo país escolhido?

Optei por permanecer na América Latina por algumas razões, entre elas a dificuldade de conseguir bolsa de estudos para estudar na Europa; o desejo de entender melhor a latinidade e buscar entender a identidade latinoamericana; e a vontade de aprender melhor o espanhol. Nunca tinha ido à Argentina e sabia pouco sobre o país, além de possuir uma visão bastante estereotipada sobre as pessoas e a cultura argentina.

Processo Burocrático

A parte burocrática foi com certeza um dos pontos negativos da minha experiência de intercâmbio. Apesar de ter sido aprovada em abril de 2022, a minha carta de aceitação chegou apenas em junho, sendo que eu embarcava para a Argentina no dia 5 de agosto. Pressionei diversas vezes o departamento de relações internacionais da Universidad Nacional de La Plata, e a Vanessa da CCINT-FEUSP também me ajudou muito nisso, mas devido à essa demora, muitas das coisas que eu tinha que resolver, como visto e moradia, foram feitas em cima da hora. Também demoraram para informar quando começavam as aulas e quando eu deveria chegar à Argentina, o que fez com que eu comprasse a passagem para a véspera do início e perdesse atividades de integração de estudantes de intercâmbio realizadas na semana anterior. Apesar de tudo isso, desde que cheguei à La Plata todas as vezes que entrei em contato com o departamento de relações internacionais, foram muito simpáticos e solícitos.

O processo para obtenção do visto de estudante também foi bastante demorado, porque as informações eram diferentes entre o site do consulado e a ligação telefônica, parecia que não existia uma padronização do processo burocrático para estudantes. Como na Argentina não há vestibular e muitos brasileiros vão para lá estudar medicina, aparentemente o processo assumia que eu estudaria lá toda a graduação e não apenas por 6 meses, o que também tornava tudo mais burocrático e demorado. Apesar da demora para obtenção do visto, eles se comprometeram a me entregar antes da minha ida, e possuir o visto permitiu que minhas passagens pela alfândega fossem bem tranquilas, mesmo tendo ficado bastante tempo lá.

Houve duas atividades de recepção aos estudantes de intercâmbio: uma realizada pelo Departamento de Relaciones Internacionales da Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, que eu não pude ir por ainda não ter chegado ao país, e outra organizada pela própria Universidad Nacional de La Plata, na reitoria, com estudantes de diferentes cursos. Essas atividades permitiram o surgimento de relações entre estudantes de diferentes nacionalidades.

Com relação à moradia, também tive bastante dificuldade. Como La Plata é uma cidade pequena, majoritariamente universitária, todas as vagas de moradia eram preenchidas muito rapidamente. A maioria delas era em residência estudantil, custando entre 30 e 60 mil pesos mensais (em 2022) para habitações individuais e tendo reajuste geralmente a cada 3 meses, por causa da inflação. A maioria das residências cobrava um valor para a reserva da habitação, além do pagamento do aluguel, justamente pela alta demanda. A faculdade enviou uma lista de moradias que quando eu contatei já estavam todas alugadas, e eu tive que buscar autonomamente, por grupos no Facebook e páginas do Instagram.

Durante todo o período de intercâmbio me organizei financeiramente pelo aplicativo Western Union, utilizado por quase todos os estrangeiros que vivem na Argentina, por possuir uma cotação muito superior à cotação oficial, várias agências por todo o país e pouca burocracia. Eu enviava um pix pelo meu banco do Brasil e poderia retirar o valor em pesos argentinos em espécie em alguma das agências do Western Union. Em La Plata existiam várias agências. Com relação à saúde, contratei o plano da SulAmérica Viagem porque possuía o melhor custo-benefício, mas em nenhum momento precisei utilizá-lo.

Infraestrutura

A cidade de La Plata é uma cidade planejada e geométrica, todas as ruas são numeradas e por isso é muito fácil se localizar e se locomover. Além disso, é uma cidade plana e pequena em comparação a Buenos Aires e São Paulo, e por isso, fácil de se locomover a pé. Não há metrô, mas há duas linhas de trem: a universitária, com pontos em diferentes faculdades, e a Linea Roca, que tem Buenos Aires e La Plata como as duas estações opostas, e entre elas outras cidades como City Bell e Berazategui.

A Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación está localizada no limite da região central e da periferia de La Plata. Eu recomendaria a acomodação na região central e não nos arredores da faculdade, porque ao redor dela não há muitas facilidades e é fácil se locomover até a faculdade desde o centro. Não existe em La Plata uma cidade universitária como a que temos no Butantã, mas as faculdades estão relativamente próximas uma da outra, e por isso existe um ônibus universitário similar ao circular da USP que passa a cada 15 minutos e custa 30 pesos, como todos os ônibus de linha da cidade.

Os gastos com a universidade também são poucos, os professores disponibilizam todos os PDFs dos textos no campus virtual da faculdade (equivalente ao Moodle USP) e às vezes os dão impressos. É possível fazer xerox e impressão na própria faculdade, em um espaço mantido pelos estudantes do centro acadêmico. A lanchonete também é mantida pelo centro acadêmico, oferece bastante opções de lanche, café e almoço acessíveis. Existe um restaurante universitário, mas não o utilizei nenhuma vez por não terem opções vegetarianas.

Em geral, La Plata é uma cidade muito boa para viver. Tudo fica perto, os custos de vida são bem inferiores aos de São Paulo e Buenos Aires e apesar de não ter muitos pontos turísticos, há muito o que fazer em termos culturais, muitos bares, baladas e restaurantes. Por ser uma cidade que recebe estudantes de toda a Argentina e também estrangeiros, as pessoas são bastante acolhedoras, muito diferentes de Buenos Aires. Ao mesmo tempo, está a 50 minutos de ônibus de Buenos Aires, pagando 130 pesos, ou 1h20 de trem, pagando 30 pesos. É muito fácil passar o dia ou o fim de semana na capital, o que é muito interessante.

As viagens que fiz por lá, além das duas cidades, foram Tandil, Mar del Plata, a Patagônia Argentina e o Uruguai. Além disso, amigos que também foram para lá de intercâmbio viajaram para as Cataratas do Iguaçu e o Norte Argentino, perto da Bolívia. Em geral, é um país mais fácil de viajar do que o Brasil, porque está mais conectado por ferrovias. Ainda assim, as distâncias são longas, porque é um país bastante grande. Para a Patagônia, o lugar mais longe que fui, usei avião, mas também é possível ir de trem, se planejado com bastante antecedência.

Acadêmico

Na primeira semana de aula, o departamento de relações internacionais da faculdade permitiu que os estudantes de intercâmbio frequentassem todas as matérias que quisessem, com diferentes professores, e só depois fizessem suas escolhas. Além disso, recomendaram que fizéssemos apenas três matérias, devido à alta demanda de leitura e de trabalho. No entanto, ao final do semestre senti a demanda bastante similar à da FEUSP, sem provas, com trabalhos escritos extensos e alguns seminários. Devido à flexibilidade da primeira semana, pude escolher matérias cujos planos de aula e professoras me agradaram e em turmas com menos alunos. Todas as matérias foram incríveis e valeram a pena, as professoras eram muito acolhedoras comigo como estudante de intercâmbio,

interessadas em me dar espaço para que eu falasse sobre perspectivas brasileiras que se diferenciavam das argentinas, se dispuseram a falar mais devagar caso eu não entendesse algo e explicavam expressões ou referências argentinas que eu não dominasse.

A única matéria do meu plano de estudos que foi oferecida enquanto eu estava lá foi Pedagogía de la Diversidad (professoras Maria Elena Martínez e Pilar Cobeñas). Além disso, cursei Didáctica de la Lectura y la Escritura (Maria Dapino) e Teorías Feministas y Estudios de Género (Alejandra Oberti), que era uma optativa de sociologia. A primeira matéria falava sobre educação inclusiva na perspectiva da educação para a diversidade, e me deu panoramas interessantes para minha prática escolar no Brasil, inclusive suprimindo algumas das demandas que eu possuía a respeito do tema antes de ir à Argentina, senti alguns avanços importantes na discussão da inclusão escolar na Argentina em relação ao Brasil. A segunda matéria foi de extrema relevância porque possuía como base as teorias de Emília Ferreiro, pesquisadora argentina referência para os estudos sobre a alfabetização, além de que as professoras responsáveis haviam pesquisado com a própria Emília Ferreiro - o que para mim foi um privilégio. A última, apesar de uma optativa de sociologia, agregou muito à minha formação como educadora, me fez refletir sobre as relações entre gênero e educação, tema que ainda sentia falta em minha formação na FEUSP. Ademais, a professora dessa matéria incluiu no plano da matéria um dia apenas com feministas brasileiras (Sueli Carneiro, Lélia Gonzales e Djamila Ribeiro), abriu espaço para que eu falasse também, foi bastante interessante escutar o que essas leituras provocaram nas estudantes argentinas.

Os estudantes argentinos em geral também foram receptivos com os estudantes de intercâmbio, ser estrangeiro por si só já gera vários assuntos diferentes. No começo do intercâmbio eu tive um pouco de dificuldade com a língua, principalmente escutando conversas informais porque o espanhol falado na Argentina é muito diferente do espanhol que eu conhecia, a conjugação, o sotaque e as gírias são bastante específicos de lá, enquanto as aulas e os textos usavam uma linguagem acadêmica com palavras bastante similares às usadas no português, e portanto eram mais fáceis de entender.

Uma diferença importante sobre a graduação na UNLP e na USP é que o curso oferecido lá não é pedagogia, é Ciencias de la Educación, visto que a formação de professores na Argentina ainda se dá em nível terciário, pelo magistério, e não universitário, como ocorre no Brasil. Os estudantes de Ciencias de la Educación, portanto, tem bastante matérias similares às nossas no curso de pedagogia na FEUSP, com menos experiência prática e específica, e pouquíssima formação sobre primeira infância e educação infantil.

Com relação às práticas educativas que eu tive na Argentina, conheci a Escuela Graduada Joaquín V. Gonzales, mantida pela UNLP (similar à Escola de Aplicação da FEUSP) que faziam parte da disciplina de alfabetização. Foram duas visitas, uma de observação de um grupo de crianças de 5 anos da educação infantil e outra de uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental I - essas visitas não eram como estágios porque a carga horária era consideravelmente menor, fazíamos em grupo e éramos acompanhadas pela professora da disciplina, mas eram obrigatórias porque parte dos trabalhos que realizamos para a disciplina foi baseado na nossa observação. Foi interessante para entender melhor o funcionamento da educação escolar pública argentina, conversar com professoras e coordenadoras.

Uma outra parte, independente do oferecido nas disciplinas, foi o projeto de extensão El Puente, projeto de alfabetização popular para crianças em idade escolar primária em um bairro periférico de La Plata, Los Hornos. Era um dos projetos pensado e gerido por estudantes da Faculdade, na Escuelita Eva Duarte, onde também eram mantidos outros projetos de extensão. Foi bastante interessante o diálogo entre a teoria e a prática, e a possibilidade de devolver para uma comunidade

argentina parte do que a Argentina estava me proporcionando em termos de formação acadêmica. Ademais, foi uma experiência na qual pude me aprofundar mais, pude frequentar casas de famílias e conhecer melhor as crianças, porque tinha autonomia organizativa. Há vários projetos de extensão na faculdade, mas percebi que grande parte deles é mantido pelos estudantes do movimento estudantil.

Conclusão

Viver por mais de 5 meses na Argentina me transformou de muitas maneiras: me fez entender coisas sobre mim e sobre minha brasilidade que só são visíveis em uma imersão em outra cultura (e a partir do contato com pessoas de diferentes países); me ajudou a entender as diferenças na maneira como as pessoas se relacionam ao redor do mundo; ressignificou a maneira como enxergo minha própria cidade, São Paulo, a partir da experiência de vida em uma cidade planejada, com distâncias curtas, em que é possível caminhar e, ao mesmo tempo, culturalmente rica; me ajudou a valorizar ainda mais a música e as danças brasileiras, a diversidade de pessoas e línguas. A latinidade que eu buscava compreender melhor antes de ir à Argentina realmente é mais reivindicada lá, dentro e fora da Universidade, muito possivelmente pela língua espanhola em comum que permite que certos produtos culturais sejam mais facilmente difundidos de um país ao outro.

Ao mesmo tempo, me surpreendi muito com esse país sobre o qual sabia tão pouco: vivi sua relação intensa com o futebol estando lá durante a vitória na Copa do Mundo; percebi que a identidade racial argentina, apesar de parecer menos discutida que no Brasil, ainda assim é muito diversa; entendi sobre os estilos musicais argentinos para além do tango e do reggaeton; aprendi a gostar do sotaque argentino; conheci pessoas muito mais abertas e sociáveis do que eu esperava. Voltar ao Brasil me fez perceber como muitas das diferenças culturais são bastante sutis e mais difíceis de ser identificadas pelas semelhanças históricas e proximidade geográfica, mas ainda assim existem e permitem uma intensa imersão. Eu recomendo muito a experiência de intercâmbio acadêmico na Universidad Nacional de La Plata por todos os pontos acima elencados e, apesar de não ser um destino tão procurado, acredito que pode ser extremamente enriquecedor pessoal e academicamente.